Spring

Spring boot é uma ferramenta/facilitador que padroniza todas as configurações pra gente e já evita para não precisarmos fazer as configurações manualmente, então ele abstrai muita coisa das configurações iniciais que precisaríamos de fazer em projetos Spring, ou seja o framework que utilizamos não é Spring Boot e sim o Spring, Spring Boot é apenas a ferramenta/facilitador que usamos para criar nossos projetos.

Antes em projetos WEB gerávamos arquivos WAR ou um EAR se for projeto mais enterprise, e a gente precisando fazer um deploy desse arquivo WAR ou EAR em um application container (servidor de aplicação com suporte Java) temos então o Tomcat, JBoss, weblogic, etc. E o Spring Boot no momento que estava ficando popular a parte de micro serviços ele implementou o Tomcat e é por isso que hoje as aplicações do Spring a gente consegue rodar num Docker, pois acaba gerando um arquivo JAR como pacote final que vai para a produção e esse arquivo JAR só precisa do Java para ser executado e é o que facilitou a adoção de micro serviços no mundo Java.

Application.properties:

Foi a forma de padronizar a forma que declaramos as propriedades em um projeto Spring.

Spring Core:

Parte principal do Spring que é onde temos a parte de injeção de dependências, bootstrap.

Spring Web/Webmvc:

Anotações @Controller, @Services que temos.

É todo baseado na especificação Servlet do Java, então quando criamos um @Controller no Spring, por trás é um Servlet do Java que a gente tem.

@ResponseBody:

O Spring trabalha muito com aquele modelo do MVC ou Model View, geralmente quando retornávamos algo o Spring esperava qual que nosso jsp que iriamos retornar/fazer o redirecionamento, no caso o @ResponseBody ele vai transformar por

exemplo uma String ele vai retornar apenas uma String, se for um Json/objeto vai retornar isso no formato Json ou formato XML.

@RestController:

É apenas uma conveniência da gente poder utilizar @Controller e @ResponseBody e não precisar digitar os 2. Que indica para o Spring que a classe ela contém um end-point (url) que nós vamos poder acessar a nossa API.

@RequestMapping:

Diz aonde é o end-point de determinada classe.

Exemplo:

```
@RequestMapping(♠>"/api/courses")

public class CourseController {

// Essa classe então fica com o end-point acima e

// tudo nela será renderizado quando o end-point for acessado.

}
```

LOMBOK:

Lombok é uma dependência que nos ajuda a ter "atalhos" na nossa aplicação, como por exemplo para gerar os getters and setters precisaríamos ter aquele monte de coisa escrita e gerar eles causaria "poluição" na nossa classe já que eles ocupam muitas linhas, com o Lombok nós temos as anotações @Getter, @Setter, @Data = cria os getters and setters e tem outras anotações também que ao colocado em cima ele gera sem precisar da poluição visual.

Exemplo:

```
Data
DEntity
public class Course {

DId
Definity
Definition
D
```

Vemos então na imagem que não temos os getters and setters poluindo a classe visualmente, porém temos eles e podemos utiliza-los por causa do @Data do Lombok.

@GeneratedValue:

Informa como esse valor deve ser gerado, isso depende bastante do banco de dados, porém o mais comum MYSQL utiliza o AUTO (cria o dado automaticamente ele mesmo).

lenght: Informa o máximo de caracteres que é aceita na coluna.

nullable: Informa se a coluna aceita valores nulos ou não.

```
@Id
@GeneratedValue(strategy = GenerationType.AUTO)
private Long id;
```

@Component:

Se você quer que o Spring crie uma instância e automaticamente gerencie o ciclo de vida dessa instância você coloca essa anotação.

Existem os components especiais como o @RestController que é um component que vamos expor uma API/end-point, @Repository que é um component especial que está falando para o Spring que é uma conexão (vai fazer o acesso ao banco de dados), @Service que é um component especial que é geralmente aonde colocamos a nossa lógica de negócios e também conseguimos fazer controlar as transações com o banco de dados.

@Repository:

Para termos acesso aos métodos do banco de dados a gente declara um repository como interface para podermos estender (extends) as interfaces que nós temos do próprio JPA no Spring Data que é um outro módulo que a gente adicionou no nosso POM.xml que possui interfaces para poder facilitar o acesso ao banco de dados, ao invés de fazer tudo manualmente com o ORM do Spring e fazer as conexões com o hibernate tudo manualmente, então o Spring criou essa outra camada para facilitar. E ao fazer isso temos então acesso ao JpaRepository que iremos usar e nela temos que usar o tipo generics (<>) que temos que informar qual que é a nossa entidade (Entity) e qual é a chave primária dessa entidade, quando fazemos isso o Spring vai criar uma implementação dessa interface que já tem os métodos automaticamente para gente poder acessar (para ver isso podemos clicar com o ctrl+mouse1 no JpaRepository) que ele mostra os métodos.

Podemos também declarar métodos, por exemplo findbyName o Spring Data vai criar então um método para podermos acessar fazendo um SELECT * FROM (tabela) Where name.

```
@Repository
public interface CoursesRepository extends JpaRepository<Course, Long> {
```

@Bean:

Estamos com ele falando para o Spring que queremos que o Spring gerencie todo ciclo de vida.

@JsonProperty:

Quando o jxon tiver fazendo a transformação de JSON para OBJETO ou OBJETO para JSON vai transformar o id em _id nesse caso.

```
@JsonProperty("_id")
private Long id;
```

@JsonIgnore:

Ignora alguma propriedade na hora de criar o JSON.

Quando temos um atributo que é obrigatório eu ter essa instância para que meus métodos funcionem, ou seja não vai funcionar se eu não tiver a instância dessa propriedade, por exemplo um repository, a gente considera isso como uma propriedade um atributo obrigatório, quando isso acontece a gente da preferência de fazer a injeção via constructor, porque quando o Spring for instanciar, o Spring vai falar "Essa classe aqui precisa dessa instância para poder funcionar", então no momento da criação (instância) (new CourseController) é que vamos passar essa instância, se fizermos isso via atributo (@Autowired) ou via setter a gente informa que precisamos disso em um 2° momento, então iremos sempre gerar o constructor.

CORS:

Quando vamos linkar nossa API com o front-end existe um conceito chamado CORS que são chamadas entre domínios diferentes e isso existe para segurança das APIs, pois sem o mesmo qualquer aplicação poderia usar outro site sem problema algum, sem autorização, sem senha, só colocar o link, e por isso foi criado o CORS.

Para exemplificar isso imagine: nosso front (<u>meuprojeto.com</u>) fazendo uma chamada para a API (<u>minhapi.com</u>), ou seja são domínios completamente diferentes.

Então o CORS permite que você acesse outro domínio (API no caso) só que tem de ser configurado na aplicação.

Mas geralmente não configuramos ele, pois quando a aplicação for para produção depois não precisamos desse CORS, e ele é muito "chato" para configurar, pois tem de ser configurado qual domínio você irá permitir, se terá senha e usuário para poder acessar, como na maioria dos casos quando formos para produção não iremos precisar disso, pois não queremos que outras APIs acessem nossa API (neste caso, pode haver casos que precisaríamos dele como por exemplo se tivéssemos uma API pública) e sim apenas o nosso front-end acesse-a, então na hora que for para produção vamos configurar de forma apropriada, só é bom ter o CORS quando na produção precisássemos utiliza-lo.

Angular:

O que o Angular nos permite fazer é criar um proxy que vai funcionar como se estivéssemos fazendo chamadas para o mesmo domínio com domínios diferentes, então no caso vai ser do front-end para o back-end e não vai importar que estão em domínios diferentes, para desenvolvimento local é uma melhor opção do que o CORS.

Proxy:

Criamos então o proxy na pasta raiz do projeto como arquivo "proxy.conf.js" assim gerando um arquivo JS e nele colocamos nossa configuração.

```
const PROXY_CONFIG = [
    {
      context: ['/api'],
      target: 'http://localhost:8080/',
      secure: false,
      logLevel: 'debug'
    }
];
module.exports = PROXY_CONFIG;
```

O context sendo /api ele vai ajudar nós a diferenciarmos quando é uma chamada do roteamento do Angular para nossa API do Spring, então esse context: ['/api'] ajuda nisso, então sempre que fizermos /api no Angular o Angular irá automaticamente irá redirecionar para o target.

A segurança está falsa, pois não estamos usando SSL local, na produção a gente habilita isso.

Como é uma constante vamos exportar essa config com module.exports = PROXY_CONFIG;.

Para dizer para o Angular que queremos iniciar isso sempre que nosso projeto também iniciar colocamos no package.json no "start" o nosso proxy:

```
"scripts": {
    "ng": "ng".
    "start": "ng serve --proxy-config proxy.conf.js",
    "build": "ng build",
    "watch": "ng build --watch --configuration development",
    "test": "ng test"
},
```

Com isso o Angular entende que sempre que for usar o ng serve usar este proxy, para funcionar a partir de agora não iniciaremos nosso projeto comng serve e sim com onpm run start para sempre utilizarmos esse proxy.

Não podemos esquecer de alterar também no nosso service o link para apenas:

```
private readonly API = 'api/courses';
```